



EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

6. DE CÓRDOBA PARA O NORTE

Toda a estruturação da rede urbana regional, que se organiza a partir de Córdoba, tem orientação axial, definida desde o período colonial, quando a cidade se originou e se consolidou para dar apoio ao transporte dos metais preciosos do Alto Peru para Buenos Aires.

Assim, as principais cidades, sejam as que tiveram importante papel no passado e hoje são turísticas até as que permanecem exercendo funções econômicas de outro tipo no período atual, dispõem-se na direção norte e na direção sul da cidade. Embora não se possa dizer que sejam completamente diferentes entre si, estes dois semieixos (direção norte e direção sul) são distintos, no que toca à paisagem e no que tange às razões que deram origem às atuais cidades e *pueblos*.



http://www.festival.org.ar/sites/default/files/MapaCaminoReal_2.png

Nesta parte do diário da Expedição ao Cone Sul, escrevo um pouco sobre o semieixo ao norte de Córdoba. Tomando-se a Ruta Nacional 9 (RN9) é possível se refazer *El Camino de la Historia* ou *El Camino Real*, composto por vários assentamentos do período colonial, a maior parte deles resultado da presença jesuítica nos séculos XVI e XVII. Visitamos as duas principais estâncias agrícolas fundadas por estes religiosos, que podem ser observadas no mapa ao lado. Além de propiciar o abastecimento de animais e alimentos para o transporte do ouro e, principalmente, da prata, consta que uma das finalidades destas verdadeiras *haciendas*, era obter recursos para manter a Universidad de Córdoba.

Jesús María, que tem hoje, pouco mais de 20 mil habitantes, surgiu no século XVI como uma cidade mercado. A produção da estância jesuítica aí localizada, implantada a partir de 1618, era vinícola e há a informação de que o primeiro vinho produzido nas colônias da América do Sul, servido aos reis de Espanha, foi resultado do trabalho realizado aí.

Ainda hoje os vinhedos seguem produzindo, embora a vida econômica da cidade esteja mais apoiada no desenvolvimento de turismo. Têm importância, para a economia da cidade, as visitas aos prédios históricos, que são de meados do século XVII – a antiga igreja, o convento, as *bodegas*, onde se produzia o vinho, e a residência religiosa – os quais compõem o Museu Jesuítico de Jesús María, tanto quanto a Fiesta Nacional de Doma Y Folklore, considerada a maior festividade gaúcha da Argentina, que ocorre em janeiro e reúne 200 mil pessoas. Ocasionalmente, porque não sabíamos, estivemos na cidade na véspera do início deste certame e vimos dezenas de barracas sendo montadas para alimentação, comércio e hospedagem dos visitantes.

A abóbada da igreja pode ser vista pela lateral esquerda da construção e a partir do pátio interno do convento, que está à sua direita. O interior do templo religioso é muito bonito, mas os guardas do museu não permitiam fotografar nada, o que é um contrassenso porque não havia um cartão postal à venda...



Nas antigas celas dos religiosos que se dispunham ao longo da varanda interna, está exposto o acervo do museu que pouco tinha a ver com o período jesuítico, mas era sim composto por doações, feitas por diversas famílias, de pequenos conjuntos de objetos de uso da elite local, no decorrer do século XIX, sobretudo louças e prataria.

O que mais impressiona é a solidez das construções edificadas por indígenas 'catequizados'. São largas paredes de pedras, algumas das quais com um metro de largura, que permanecem íntegras até os dias de hoje. Os tonéis de carvalho usados para a fermentação do vinho nas *bodegas* ainda estão lá como peças do museu, assim como as prensas nas quais eram produzido o azeite. Aliás, esqueci de registrar que, ao longo do *El Camino de la Historia* há muitas oliveiras, outra herança da presença jesuítica neste território.



Em volta do museu, os jardins são extremamente bem cuidados, com gramados perfeitos e várias espécies arbóreas. Os pássaros passeiam calmamente sem saber quem foram os jesuítas e porque estes turistas gastam seu tempo olhando objetos e paredes, ao invés de curtir o agradável sol de verão que ilumina o centro da Argentina neste dia 6 de janeiro de 2016.



Saindo um pouco da RN9, na direção oeste, tomando a estrada para Asconingua, nosso destino era Santa Catalina. Estância criada igualmente pelos jesuítas, em 1622, foi transformada em *Museo Nacional* na década de 1940 e depois se tornou Patrimônio Mundial da Humanidade, titulação outorgada da UNESCO. Ela se esconde numa área de vegetação densa e para chegarmos até ela foi preciso tomar um desvio, em função da reforma de uma ponte, e rodar 13 quilômetros de terra batida, em bom estado, considerando que por lá passamos depois de uma intensa chuva que caiu durante toda a noite anterior.

A primeira placa que apareceu no portão da estância dizia “*cerrado*”, embora as informações contidas no Guia Visual Folha de São Paulo fossem de que o ‘museu’, no verão, estaria aberto das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 19h00 e estávamos bem no meio do período previsto para abertura durante as manhãs. Depois de 70 km desde Córdoba, não era possível que as portas estivessem fechadas para nós!!!

Tudo começou a mudar quando, ao pedir informações para uma senhora, aparentemente de 50 anos, *rubia*, que se identificou como María José, ela começou a nos responder fluentemente em português, pois já morara em São Paulo por seis anos. Seu marido trabalha no J. P. Morgan em Buenos Aires e já estivera em vários países a serviço da mesma empresa, o que explica a passagem da família pelo Brasil. Ele é membro da família herdeira das terras e do patrimônio arquitetônico, pois logo depois que os jesuítas foram expulsos a estância foi adquirida do governo provincial por Don Francisco Antonio Díaz (com a expulsão dos jesuítas no século XVII, todas suas propriedades ficaram para o Estado). María José é mãe de sete filhos, seis *varones* e uma *chica*, dois deles nascidos no Brasil.

O funcionário da estância, Marcelo, após rápida troca de palavras com María José, disse, inicialmente, que não estava autorizado a mostrar nada além da igreja porque, em janeiro e fevereiro, os descendentes da família Díaz vêm passar suas férias no lugar. María José insistiu explicando que viemos de longe e ele aquiesceu com um muxoxo, mas todo tempo fazendo referências às ordens que recebera de restringir as visitas, quando os proprietários estivessem na estância. Por fim, solicitou que o aguardássemos na porta da igreja e saiu ao encalço de uma chave...

Enquanto isso, aproveitamos para fazer algumas fotos da igreja por fora, uma delas com María José nos clicando em frente à linda construção, enquanto ia contando suas posições políticas e dizendo o quanto estava em desacordo com os governos (citando o de Cristina Kirchner na Argentina e o de Dilma Rousseff no Brasil), que ficam ajudando os pobres com dinheiro,

enquanto eles ficam de papo para o ar sem fazer nada. Naquela situação em que estávamos tão, gentilmente, sendo ajudados por ela para conseguir fazer a visita, não queríamos nem entrar em diálogo sobre política e, tampouco, contestar suas opiniões.





A capela, onde não está autorizado fazer registros fotográficos internamente, é de estilo barroco e tem um retábulo no altar principal todo esculpido em madeira, feito em duas partes, pelos índios catequisados. Como foi restaurada recentemente, pode se ver as estátuas em todos seus detalhes de maneira bem nítida. O Cristo paciente e outras estátuas de madeira decoravam as laterais da igreja, assim como quadros representando a crucificação de Cristo com três soldados espanhóis aos seus pés. Isso significa que, no imaginário dos índios artistas, eles pintavam o que viam e o que ouviam, compondo suas telas com tipos extemporâneos.



Marcelo é um tipo simplório e informou que, além de ser o guia turístico do grande patrimônio, cortava a grama dos dois hectares que rodeiam hoje as edificações. Ele foi se tornando cada vez mais conversador e disse, em meio tom, a Eliseu que ele deveria pedir a sua esposa que fizesse umas fotos, como se eu não estivesse ali e ele não pudesse falar diretamente comigo. Foi, aos poucos, liberando o que era proibido, talvez porque, como disse ele, éramos os dois primeiros turistas do ano de 2016 a aparecer na estância e, certamente, porque já apostava na gorjeta que iria ter, logo em seguida, inclusive permitindo a visita a um dos pátios internos da estância. Por fim, ele se animou e danou a dar explicações de tudo, informando que a fonte que está em frente da igreja foi construída nos anos de 1960, quando nesta propriedade foi rodado um filme de Hollywood, como se fosse uma história passada no México.



Depois de sairmos da igreja, María José propiciou uma visita ao pátio principal, passando pelo portal de acesso ao que fora o mosteiro, onde outros membros da família conversavam, e, em seguida, levou-nos para ver onde ela e os seus se alojavam. Na parte posterior da construção, construíram uma cozinha e dois quartos que utilizavam, seu marido, seus filhos e ela, durante todas as férias de janeiro.





Foi um pouco chocante para mim, perceber quem, de fato, manda na maravilhosa estância do século XVII. Sendo propriedade da Família Díaz, ela passou a ser administrada pelo Estado por decreto presidencial, mas os donos têm o direito ou se dão ao direito de decidir que parcelas da propriedade podem ser visitadas, o que gera uma situação paradoxal: os meses de janeiro e fevereiro são, segundo Marcelo, os preferidos para visitação – férias de verão na Argentina e período em que não sopram os ventos muito frios que alcançam aquelas paragens – mas são justamente e pela mesma razão os escolhidos pela família para estarem no campo, em contato com a natureza, pois a alguns quilômetros da estância, em terras que ainda pertencem aos Díaz, há rios com pequenas quedas e paisagens exuberantes, cujas fotos vimos. Embora a área que está tombada como patrimônio compreenda dois hectares, a estância tinha, inicialmente, mais de 30 mil hectares, que foram sendo divididos entre os herdeiros e, hoje, algumas destas *haciendas* ajudam a manter as edificações do período colonial, segundo Marcelo, visto que o pagamento das entradas não é suficiente para “sustentar tudo aquilo”.

María José acabou nos contando que, atualmente, são inúmeros os descendentes que compartilham o direito de propriedade e usufruto deste patrimônio, mas em função de visões políticas diferentes (e, para mim, por causa de interesses econômicos diversos sobre a propriedade) essas pessoas mal se falam, o que explica porque cada pequena família ocupa um canto de um dos pátios e tem direito a alguns cômodos do segundo pavimento, onde estão os banheiros. Por causa destas dificuldades de relacionamento, quando estes são partilhados por mais de uma família, eles colocam pequenos bilhetes na porta, reservando ou informando horários de usos, para não se cruzarem em situação tão insólita, ou seja, entrando ou saindo do recinto onde tomaram banho ou fizeram uso do vaso sanitário.

Eliseu e eu, fomos fotografados, embaixo de árvores centenárias, que estão diante do que foram no passado as cocheiras (foto à esquerda). Do outro lado, María José e eu, bem próximas de um dos vértices externos da linda edificação colonial, vendo-se à extrema direita o pequeno puxadinho que ela e seu marido ergueram para ter uma cozinha deles e não se cruzarem com os “outros”.

Como o leitor pode ver, mesmo sendo patrimônio da UNESCO, a edificação tem domínio total dos proprietários e vem sendo alterada por eles, talvez de modo bem pouco cuidadoso.



No final, um café expresso e uma Coca-Cola na pousada onde ficava a senzala, rearranjada com a construção de apartamentos para hospedagens. O lugar deixou boa impressão porque está bem conservado, mesmo isolado e pouco preparado para receber visitas e propiciar o conhecimento da longeva e densa história destas paredes coloniais.



O sino de bronze, que está no caput deste capítulo, é da igreja da Estância Santa Catalina e está rachado, porque foi atingido por um raio.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2016